

ESTÁGIO EM CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO

*Aline Guterres Ferreira (IC); José Vicente Lima Robaina (PQ).

alinegufe@gmail.com; joserobaina1326@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: *estágio, educação, campo.*

Área temática: Estágios curriculares no ensino de química.

Resumo: Trazemos nesse artigo a experiência do estágio de docência, nos anos finais do ensino fundamental do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse é composto por momentos de observação da vida escolar e após dez horas cumpridas e com projeto de estágio aprovado, dar-se início a regência da disciplina de ciências na(s) turma(s) observada(s). A turma escolhida para o estágio era composta pela sua maioria de meninas e de origem familiar na agricultura, e para melhor compreensão dos conteúdos, foram utilizadas metodologias participativas para construção do conhecimento com os estudantes. Numa escola do campo, com o encontro das diversidades que compõe o campo, esse desafio profissional multiplica, devido às tensões e os conflitos que emergem das questões agrárias. Mas todas essas temáticas, podem ser trazidas para dentro da sala de aula e trabalhadas conjuntamente com os conteúdos obrigatórios.

1. Introdução

A experiência do estágio de docência nos cursos de Licenciaturas é o momento em que o licenciando inicia seu processo de transformação de estudante para professor, por vezes ainda inseguro, e quando se encontra dentro de uma sala de aula a ansiedade pode dominar esse momento. Mas se todo esse processo for conduzido de uma maneira tranquila, afetuosa e de uma forma construtiva, esses sentimentos podem ser opostos, e esse momento pode encantar e firmar ainda mais a decisão de se tornar professor. Trazemos nesse artigo a experiência do estágio de docência, nos anos finais do ensino fundamental do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Curso esse que é desenvolvido em Regime de Alternância, onde seus estudantes transcorrem entre períodos de tempo e espaço diferentes, o Tempo Universidade (TU) desenvolvido na Faculdade de Educação e Agronomia, e o Tempo Comunidade (TC) desenvolvido nas Escolas do Campo, onde trabalhamos com projetos com os estudantes, professores e a comunidade em que a escola esta inserida.

O estágio é composto por momentos de observação da vida escolar e após dez horas cumpridas e com projeto de estágio aprovado, dar-se início a regência da disciplina de ciências na(s) turma(s) observada(s), por mais 20 horas. Este projeto de estágio escolar deve estar interligado com nosso Trabalho de Conclusão de

Curso (TCC) e nosso estágio em Espaço Não Escolar, ambiente esse que nos habilita a formação de agentes de desenvolvimento. Quando observamos a prática do professor, apreendemos muito mais que suas decisões pedagógicas, compreendemos qual tipo de relação este quer construir com seus estudantes, quais aprendizados ele pretende que seus estudantes levem para a vida inteira. Pois o conteúdo programático não consegue preparar um jovem para os desafios da realidade, da vida e fica de responsabilidade dos professores essa temática. Compreendemos isso a partir de Pimenta e Lima (2004), onde os autores destacam que a profissão do educador é uma prática social, é uma forma de intervir na realidade social, que a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação. Este artigo tem o objetivo de trazer a experiência do estágio curricular na disciplina de ciências em uma escola do campo, do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS, também em espaço não escolar e a correlação com o TCC.

2. Contexto e Detalhamento das Atividades

Escolas do campo possuem inúmeras peculiaridades, por estarem situada no meio rural e serem espaços de encontro das diversidades que compõe esta realidade, tendo momentos de conflitos e confraternização nessa junção de visões de mundo distintas, oriundo de cada cultura. Na nossa escola de estágio não é diferente, pois está situado numa comunidade rural, considerada um bairro da cidade de Viamão por possuir estrutura de hospedagem, comércio e serviços, principalmente na temporada de verão, onde muitos turistas usufruem da proximidade do Lago Guaíba.

A escola teve uma acolhida muito afetuosa com o estágio, sempre disponibilizando a auxiliar e orientar quando necessário, e aqui entendemos a escola como as pessoas que a compõe, não apenas sua estrutura física e instrumentos, mas sim todos os atores que zelam e lutam pela educação, professores, educadores, direção, funcionários e prestadores de serviços. Também, as orientações dadas pelos professores da universidade, que já vem sendo disponibilizada desde os semestres anteriores ao do estágio, devido à construção de nosso TCC, que deve ser desenvolvido juntamente ao estágio escolar e ao espaço não escolar, tendo como objetivo um trabalho em conjunto a outras instituições que não seja apenas a escola, mas sim a comunidade que esta está inserida.

Para a observação, foi nos orientado a olhar e ver as aprendizagens e construções que ocorrem em sala de aula, que são múltiplas e diversas, de acordo com cada relação desenvolvida com os estudantes e seus ambientes de origem. De acordo com Weffort (1996), devemos direcionar o olhar para três focos diferentes, que sedimenta a construção da aula: o foco da aprendizagem individual e/ou coletiva; da dinâmica na construção do encontro e da coordenação em relação ao seu desempenho na construção da aula (p. 03).

38° EDEQ

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

Foram dez horas de observação nas disciplinas de Ciências para o oitavo ano do ensino fundamental, em três turmas distintas, com períodos de 45 minutos. Tivemos a oportunidade de observar a aula de Religião na semana anterior a Páscoa, onde esse assunto foi explicado a partir da visão das diferentes religiões que os estudantes pertenciam. A partir daí, do reconhecimento dessa realidade, desse encontro de culturas, dos conflitos que surgem e das confraternizações possíveis, que escrevemos nosso projeto de estágio e organizamos nosso planejamento em conjunto com os orientadores da UFRGS e a supervisão escolar.

Para mantermos a continuidade da observação e embasar nossos argumentos e justificativas para construir o projeto de estágio, utilizamos como registro o “Diário de Campo”, onde apontamos os acontecimentos das aulas, tanto informações técnicas e de conteúdos específicos trabalhados e as metodologias utilizadas pelos professores, como as narrativas dos estudantes em seu aprendizado e as relações interpessoais entre eles e os professores.

A turma escolhida para o desenvolvimento do estágio era composta por sua maioria de meninas (13 estudantes) e cinco meninos, com idades entre 13 a 18 anos, mas com a metade dos estudantes tendo entre 13 a 14 anos (67%), estando coerente com a relação idade/ano escolar. Por ser uma escola do campo, a maioria dos pais desses estudantes são agricultores, mas também outras formas de trabalhos são registrados, como caminhoneiros e pedreiros. Em relação às mães dos estudantes não é diferente, são agricultoras, mas também, com um maior número de faxineira e cuidadoras de idosos. 40% dos estudantes moram na zona rural, 72% possui criação de animais, tais como galinhas, vacas e patos, e 67% cultivam frutas em casa, como laranjas e bergamotas, apesar de 56% não possuírem horta e nem monoculturas, 89%.

Em relação à continuidade dos estudos, 89% dos estudantes pretendem cursar alguma forma de ensino técnico ou superior no futuro, muitos nas áreas de ciências humanas e linguagens. Os estudantes possuem uma boa média de leitura de livros, 28% dizem ler mais de três livros por ano, na temática de romances, contos e poesias. Apesar de 56% dos estudantes, buscarem na TV e no Facebook informações sobre a sociedade, eles possuem um bom índice de acesso a computadores, 52% deles sabem utilizar as ferramentas disponíveis para a construção dos trabalhos escolares e buscas na internet, mesmo que o uso de máquinas de datilografia ainda seja registrado. Como as principais temáticas desenvolvida com os estudantes, foram na área da sexualidade, adolescência e puberdade, muitos de sentiram a vontade de declarar sua orientação sexual diferente da heteronormatividade. E também, 44% não possuem nenhum tipo de religião ou crença.

Dados esses que demonstram cada vez mais a diversidade de empregos, informações, sexualidades e religiosidades no meio rural brasileiro. E o potencial que essas diferenças podem trazer para dentro da sala de aula, no desenvolvimento do conteúdo curriculares. Esses dados foram coletados a partir das respostas de um questionário semi estruturado aprovado pelos orientadores da faculdade e supervisão escolar e aplicado no último dia de aula do estágio escolar.

3. Análise e Discussão da Experiência

Observar e regir aulas nas escolas do campo, que possuem suas peculiaridades, com o encontro das diversidades que compõe o campo, do meio rural brasileiro, esse desafio profissional multiplica, devido às tensões e os conflitos que emergem das questões agrárias, da produção de alimentos e da diversidade cultural. Mas todas essas temáticas, podem ser trazidas para dentro da sala de aula e trabalhadas conjuntamente com os conteúdos programáticos obrigatórios. E a observação serve para preservar essa construção, como trás a autora Weffort (1996), observar uma situação pedagógica, não é vigia-la, mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado pó ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica.

Ministrar e olhar as aulas são muito mais que apenas acompanhar seu desenvolvimento e a explicação do conteúdo, é sim enxergar cada estudante como único, como autor de sua história, como protagonista da cultura que ali ele representa. Enxergar cada estudante como fontes de aprendizados, onde cada um aprende em si e aprende com o outro. Ainda com Weffort (1996), quando existe a possibilidade do educando fazer devoluções sobre se ensinar é aonde o educador vai podendo reconstruir-se (educando-se) também enquanto aprendiz.

Nessa perspectiva, damos continuidade ao estágio escolar com o desenvolvimento de aulas dialogadas, com incentivo a participação e colaboração dos estudantes, trazendo suas realidades e questionamentos. Respeitando assim as premissas da Educação do Campo, onde cada conhecimento é valorizado e compartilhado de uma maneira horizontal e democrática, utilizando Rodas de Conversa ou Círculos Culturais. Esse conhecimento é compartilhado com todos, e também serve para fomentar a participação e compreensão dos conteúdos programáticos obrigatórios.

Para avaliação de nossas atividades consideramos o interesse do estudante pelos assuntos trabalhados e as temáticas propostas, a sua participação e envolvimento nas diferentes situações individuais e em grupo, bem como sua interação e reflexão por meio da expressão de suas ideias, sentimentos e considerações, ao longo de todo processo.

Após escolhida a turma de estágio, demos início a regência, onde são colocados a prova todos os aprendizados construídos durante o curso na faculdade e nos deparamos com inúmeras situações inesperadas que esses conhecimentos não são suficientes e buscamos aconselhamentos em nossos orientadores e supervisores para tomar as decisões mais coerente a nossa prática.

Prática essa, que teve como base as ferramentas utilizadas nas metodologias participativas da Extensão Rural, tais como, Roda de Conversas, Reunião Problematicadora, Chuva de Ideias, Saída de Campo com Caminhada, Mapeamento Participativo (conceitual, da propriedade e da comunidade), Entrevistas Semi-estruturadas e Oficinas. O que permitiu uma maior participação e colaboração dos estudantes durante as aulas, desmobilizando-os da posição passiva e de receptor de conteúdos, para protagonistas dos seus aprendizados, questionando e refletindo sobre o que era trabalhado.

4. Considerações Finais

Essa mudança de papel de estudante para docente, durante o estágio escolar, faz parte do ritual de passagem da Universidade e neste momento que nos questionamos qual futuro queremos construir, embasados em todas as teorias e autores que nos foram apresentados e estudados nas disciplinas do curso. Juntamente com nossa formação de agentes de desenvolvimento. Acreditamos de dentro da escola que se forma um cidadão consciente e responsável, e, assim sendo, devemos zelar por este momento, mantermos as coerências desse cargo e cumprir com as responsabilidades dessa profissão. E também não permitir que programas de governo medíocres venham a substituir esse papel tão importante que é o do professor.

5. REFERÊNCIAS

WEFFORT, Madalena, F; Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. Estágio e Docência. Editora CORTEZ. 2004.